

“QUANDO PENSAMOS EM IR EMBORA DA NOSSA CIDADE, NÃO É PORQUE REALMENTE QUEREMOS IR”: A MIGRAÇÃO DE JOVENS MARANHENSES PARA O CENTRO-OESTE EM BUSCA DE TRABALHO

Márcio Douglas de Carvalho e Silva

Doutorando em História Social da Amazônia - UFPA

conectadonmarcio@hotmail.com

Resumo:

Nas últimas décadas o Maranhão destacou-se como um Estado nordestino que apresentou grande número de emigrantes para outras regiões brasileiras. Homens e mulheres que deixaram seus locais de origem em busca de cidades que possivelmente ofertavam postos de trabalho. Este artigo tem como objetivo analisar a migração de jovens da cidade de Codó-MA, para o Centro-Oeste do Brasil, em busca de emprego. Utilizamos como metodologia a aplicação de uma entrevista semiestruturada, realizada por meio de uma rede social, através da qual, identificamos que a falta de oportunidade de empregos no município onde residiam e a necessidade de ter uma renda própria após a conclusão da educação básica, foram fatores que impulsionaram a decisão de migrar.

Palavras-Chave: Migração; Jovem; Maranhão; Centro-Oeste.

“WHEN WE THINK ABOUT GOING AWAY FROM OUR CITY, IT IS NOT WHY WE REALLY WANT TO GO”: THE MIGRATION OF YOUNG MARANHENSES TO THE CENTER-WEST IN SEARCH OF WORK

Márcio Douglas de Carvalho e Silva

Doutorando em História Social da Amazônia - UFPA

conectadonomarcio@hotmail.com

Abstract:

In the last decades Maranhão has stood out as a Northeastern State that presented a large number of emigrants to other Brazilian regions. Men and women who left their places of origin in search of cities that possibly offered jobs. This article aims to analyze the migration of young people from the city of Codó-MA to the Midwest of Brazil, in search of jobs. We used as methodology the application of a semi-structured interview, carried out through a social network, through which we identified that the lack of job opportunities in the municipality where they lived and the need to have their own income after completing basic education, were factors that drove the decision to migrate.

Keywords: Migration; Young; Maranhão; Center-west.

Migrar do Nordeste para outras regiões do Brasil, foi e ainda é a alternativa encontrada por pessoas que, por diferentes motivos, encontrando dificuldades para sobreviver no seu local de origem, deslocam-se em busca de melhores condições de vida. No século XX, as grandes secas que assolavam as terras nordestinas, são apontadas na historiografia como um dos fatores que impulsionavam os deslocamentos. Os destinos escolhidos eram polos de desenvolvimento econômico onde havia oferta para desempenhar algum tipo de trabalho.

As migrações de nordestinos para os grandes centros econômicos do Brasil durante o século XX, proporcionaram uma série de pesquisas que enfocaram a trajetória de pessoas oriundas dessa região do país, principalmente para cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e municípios do seu entorno. A dinâmica migratória que se estende até o século atual, segundo Ojima e Fusco (2015), sofreu algumas modificações a partir dos anos 1980, quando houve uma redução das emigrações nordestinas em favor dos retornos. Na década de 1990, “o volume de migrantes aumentou nos dois sentidos, mas com maior intensidade entre os imigrantes, com destaque, mais uma vez, para a migração de retorno. Nos anos 2000 o volume de migrantes volta a diminuir, assim como o saldo migratório negativo” (OJIMA e FUSCO, 2015, p. 19).

Em 2010, o Sudeste ainda continuava sendo a região do Brasil que mais despertava o interesse dos nordestinos no momento da migração, mas o Centro-Oeste aparecia como destaque na preferência dos maranhenses que decidiram migrar.

Buscar trabalho em regiões distantes do local de origem ainda é uma constante, principalmente para homens e mulheres que, após concluída a educação básica e até mesmo durante o curso dessa etapa de ensino, não conseguem se inserir no mercado de trabalho da localidade ou cidade onde residem. O Estado do Maranhão é um dos exportadores de mão de obra para diferentes regiões do Brasil. De acordo com o censo demográfico de 2010, mesmo com o aumento da retenção de pessoas no Nordeste, o Maranhão, juntamente com a Bahia, continuou como regiões com números emigratórios significativo, sendo o Centro-Oeste, a região de maior concentração de migrantes nordestinos no Brasil, com cerca de 11,32%; acima do Sudeste, que possuía 7,92% do total. Na região central do Brasil, Brasília é um desses destinos: a cidade, procurada por muitos nordestinos desde o seu processo de criação, continua atraindo pessoas provenientes dessa região até a atualidade.

O objetivo principal deste artigo é analisar o deslocamento recente de jovens maranhenses, da cidade de Codó - MA, para o Centro-Oeste do Brasil, em especial, Brasília, que apareceu como

um centro de atração no momento da busca de trabalho. A justificativa da escolha do tema baseia-se principalmente em observar que, após concluir o ensino médio, muitos jovens não dão continuidade à vida acadêmica e passam a procurar vagas no mercado de trabalho local; não conseguindo serem alocados em ocupação remunerada, optam por migrar em busca de emprego.

Para realização da pesquisa, aplicamos um questionário semiestruturado a seis jovens codoenses que migraram para cidades localizadas no Centro-Oeste, a partir do ano de 2018. A identificação dos sujeitos, a princípio ocorreu através da rede social *Facebook* e, após abordagem inicial e aceitação em participar da pesquisa, foi transferida para o *WhatsApp*, sendo todo o processo realizado no mês de março de 2020. Por meio de três contatos iniciais, chegamos a mais três jovens oriundos da mesma cidade, que também aceitaram responder o questionário. Optamos por esse tipo de abordagem devido a facilidade de acesso aos sujeitos e também de retorno das repostas, que foram enviadas através de textos e áudios. As perguntas contemplaram aspectos como: composição familiar antes da partida, motivos para migração e escolha da cidade de destino, além das condições de chegada, trabalho e perspectivas futuras dos jovens migrantes. Embora, todos tenham permitido o uso dos seus nomes para a escrita deste texto, optamos, por usar codinomes para nos referirmos aos entrevistados.

As migrações no Brasil

As migrações internas no Brasil, são quase sempre descritas através de fatores determinantes que impulsionam os habitantes de uma determinada região a se deslocarem pequenas ou longas distâncias em busca de trabalho. Esse fenômeno é comumente direcionado aos espaços de desenvolvimento econômico que oferecem possibilidade de ocupação remunerada.

Na literatura, o Nordeste é conhecido como a região de partida daqueles que empreendem viagens, fugindo quase sempre do desemprego e das condições climáticas desfavoráveis à permanência na terra; embora, não sejam esses os únicos fatores que contribuem para as migrações nordestinas. No século XIX, as secas já eram apontadas como um dos elementos impulsionadores das emigrações, mas, para além disso, os atrativos econômicos das regiões receptoras também devem ser vistos com atenção. O Norte e o Sudeste, em momentos específicos, foram polos receptores de imigrantes nordestinos. Ao longo do século XX, também

podemos citar a migração significativa de nordestinos em direção ao Centro-Oeste, tanto durante e após a construção de Brasília, como também à medida em que outros Estados da região passaram por momentos importantes de desenvolvimento econômico, possibilitando a abertura de vagas de emprego para imigrantes. Em meio a esses deslocamentos, vemos que

o fator econômico é o mais importante e determinante para a migração de trabalhadores. (...) A carência de trabalho e de oportunidades no local de origem, em dicotomia com a grande procura de mão de obra nos locais receptores, estimula a mudança de residência e a aceitação de trabalho, normalmente desqualificado (SANTIN, 2007, p. 149).

Associada comumente à busca por trabalho, a dinâmica migratória no Brasil, é descrita por muitos pesquisadores tomando como base os locais de origem e destino, a partir de suas características que condicionam a expulsão e a atração do migrante. A migração de nordestinos para o Norte e Sudeste, como já citada, obedeceu por muito tempo a possibilidade de trabalhar nessas regiões, seja na extração da borracha no Norte, ou na produção agrícola e industrial no Sudeste. Em um espaço de 50 anos, que vai da década de 1930 a 1980, segundo Martine (1989), houve um avanço significativo das migrações internas, principalmente provocadas pela iminência de uma sociedade urbano-industrial que se formava no Brasil. Como consequência disso, pode-se apontar a redução da população rural brasileira nas últimas décadas do século XX, que migrava principalmente saindo do campo em direção aos grandes centros urbanos, em busca de trabalho (CAMARANO e ABRAMOVAY, 1999).

A partir dos anos 1980, houve alterações importantes no cenário migratório brasileiro, como a “predominância dos deslocamentos do tipo urbano-urbano” (OJIMA e FUSCO, 2015, p. 14), além da “tendência à desconcentração populacional no país, perda da força de atração das metrópoles (...); taxas de crescimento relativamente mais altas nos municípios do entorno dos polos já existentes; crescimento das cidades médias e de pequenos aglomerados urbanos (...)” (PATARRA, 1996, p.13-14), propensão seguida na década de 1990. Somada à redução das migrações em direção a São Paulo, ocorreu também um fluxo de retorno, quando muitos nordestinos deixavam os grandes centros em direção ao seu local de origem.

No século XXI, observou-se uma outra dinâmica migratória: dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), coletados através da Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio (PNAD), de 2007, indicaram um novo destino escolhido pelos transeuntes. Nordestinos continuaram representando o maior percentual de emigrantes do país, em torno de 54,5%, da mesma forma que a região Sudeste recebeu o maior número de pessoas

de outras regiões, porém, a região Centro-Oeste, já apresentava número significativo de imigrantes, com cerca de 30,3%, da sua população oriunda de outros estados brasileiros, com volume considerável de nordestinos. Neste cenário, destacou-se o Distrito Federal, que dentro do Centro-Oeste, apresentou no seu volume populacional, maior número de migrantes do que de naturais, estatística que não foi diferente no ano de 2008, quando os dados da PNAD, apontaram que 35,6% da população dos Estados que compõem o Centro-Oeste, era de imigrantes, fenômeno atribuído em partes, ao alto rendimento médio mensal real de trabalho, que aparecia acima da média nacional.

No ano de 2009, a PNAD indicou que o Centro-Oeste era a região que mais recebia imigrantes, com base no cálculo que mostrou ter essa parte do país, o melhor saldo migratório do Brasil, devido a sua capacidade de reter pessoas nos seus Estados, algo que já vinha alcançando desde 2004, quando o Sudeste, embora, recebesse mais imigrantes, apresentava saldo migratório inferior ao Centro-Oeste. Em 2009, o Sudeste apresentou um número de 656.386 imigrantes, contra 668.801 emigrantes, diferentemente do Centro-Oeste, que recebeu 418.143 pessoas, e teve número de emigração total de 281.553. Em 2013, os números seguiram a mesma tendência: 34,2% dos habitantes do Centro-Oeste, não eram naturais de nenhum Estado da região. Os dados da PNAD, ainda concluíram que as migrações internas possuíam motivações ligadas à procura por trabalho. No ano de 2015, a pesquisa trouxe dados muito próximos aos dos anos anteriores, colocando o Centro-Oeste como a região com maior percentual de pessoas não naturais na relação Estado e município.

O Nordeste contribuiu de forma direta para esse saldo positivo de migrantes da região Centro-Oeste. Dados acerca da distribuição da imigração do Centro-Oeste Ampliado, entre as décadas de 1970-1980, 1981-1991 e 1991-1996, indicaram que a origem principal dos imigrantes era de nordestinos que migraram para Estados da região central do Brasil, para trabalhar nas lavouras e na indústria agropecuária (CUNHA, 2002).

Neste estudo, nosso enfoque recai principalmente sobre o Estado de Goiás e de modo especial, a cidade de Brasília, destino principal dos nossos entrevistados maranhenses. Segundo Cruvinel (2017), durante o século XX, no período do governo de Getúlio Vargas, o Estado de Goiás passou por um surto migratório durante a expansão para o Oeste, havendo um grande crescimento populacional em cidades do centro e sul do Estado, além da capital, Goiânia, que apresentava índices demográficos acima da média esperada. Durante a construção de Brasília,

ocorreu outro salto migratório no Estado, com a chegada de trabalhadores do Nordeste e Minas Gerais.

No século XXI, os nordestinos continuam presentes em terras goianas. De acordo com dados do censo 2010, citados por Cruvinel (2017), maranhenses e baianos registraram a segunda e a terceira posições entre os imigrantes que viviam no Estado. Quando analisado através do Índice de Reposição Populacional, percebe-se que para cada 10 pessoas que partiram de Goiás, entraram 23, e os Estados brasileiros que mais contribuíram para a ocorrência dessa dinâmica foram na sua grande maioria da região Nordeste, destacando-se Alagoas (11,97%), Maranhão (8,07%), Piauí (4,46%), Bahia (4,46%) e Pernambuco (4,10%). Na análise dos dados, evidenciou-se ainda que o Maranhão teve saldo migratório negativo, indicando ser uma área de “média evasão migratória” e um dos “menores índices de eficácia migratória”, ou seja, são as áreas com maior potencialidade de perda migratória do país” (CRUVINEL, 2017, p. 13). Analisando esses dados em relação somente a Goiás, verificou-se que em 2015, 14,3% da população de imigrantes vivendo no Estado, era oriunda do Maranhão, atrás apenas dos 24,2%, que emigraram do Distrito Federal.

Em relação à cidade de Brasília, dados da Companhia de Planejamento (CODEPLAN) elaborados a partir da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios do Distrito Federal (PDAD), divulgados em 2016, indicavam que, do total de imigrantes residindo no Distrito Federal, 52,15% eram da região Nordeste; quando analisados os fatores que motivaram a migração para os que residem no Distrito Federal, verificou-se que procurar trabalho e acompanhar familiar, foram as duas razões mais indicadas. “Levando-se em conta que o item acompanhar parentes refere-se, principalmente, aos filhos que chegaram na companhia dos pais, a procura de trabalho classifica-se, então, como fator de motivação determinante da migração para o Distrito Federal: 29,19%” (CODEPLAN, 2016, p. 23).

Vemos com isso, a continuidade da procura tanto do Estado de Goiás, como de Brasília e cidades do seu entorno, como espaços em que os nordestinos veem a possibilidade de fixarem-se em um trabalho. Em relação ao Maranhão, por possuir um baixo índice de eficácia migratória, seus habitantes deslocam com frequência para outros Estados em busca de empregos. De acordo com dados publicados pelo IBGE em 2019, no ano de 2018, o Maranhão apresentou uma taxa de 14,4% da população com mais de 14 anos de idade, que não estava inserida no mercado de trabalho, número acima da média apresentada pela região Nordeste, que

possuía uma taxa de desemprego de 6,1%. Foi também “a Unidade da Federação que apresentou o menor rendimento médio (R\$ 1.249,00)” (IBGE, 2019, p. 29), e liderou com 64,9% o total de trabalhadores em ocupações informais.

Esses indicadores, podem sugerir que muitos maranhenses buscam oportunidades de emprego em outros Estados do Brasil, por não conseguirem inserção no mercado de trabalho local. Baseado nisso, esta pesquisa analisa, a partir do relato de sujeitos oriundos da cidade de Codó - MA, a migração de jovens pra a região Centro-Oeste, em busca de vagas de trabalho em grandes e médias cidades da região central do país.

De Codó para o Centro-Oeste: a busca pelas possibilidades de trabalho

Com população total de 118.038 habitantes, de acordo com o censo de 2010, a cidade de Codó, localizada na Mesorregião Leste Maranhense, dista aproximadamente 310 km da capital do Estado, São Luís, e 170 km de Teresina, capital do Piauí. De acordo com o IBGE, no ano de 2017, o salário médio mensal no município era de 1,6 salários-mínimos, com uma proporção de pessoas ocupadas em relação a população total, de 7,7%. Ocupava neste aspecto, a posição 154 de 217, no Estado do Maranhão, e a posição 169 do mesmo número de municípios do Estado, quando o critério foi a população vivendo em domicílios com rendimento mensal de até meio salário-mínimo, ao todo, 51% do total. Com uma taxa de ocupação de aproximadamente 9,277 pessoas em relação aos seus mais de cem mil habitantes, muitos codoenses acabaram migrando à procura emprego em outras cidades e Estados, como os sujeitos que participaram desta pesquisa.

O trecho da fala de uma das entrevistadas que usamos para dar título a este artigo é bem significativo neste contexto; segundo Heloísa, “quando pensamos em ir embora da nossa cidade, não é porque realmente queremos ir”. Esta é a impressão que temos em todas as seis entrevistas: jovens, alguns ainda em idade escolar, e com menos de 18 anos de idade, veem-se na necessidade de deixar seu local de origem, em busca de trabalho em outras cidades e Estados. O quadro abaixo mostra algumas características desses jovens no seu contexto migratório.

Quadro 01: Características pessoais dos jovens e aspectos da migração.

<i>Nome</i>	<i>Idade quando migrou</i>	<i>Idade (mar. 2020)</i>	<i>Estudou até que Série do Ensino Médio?</i>	<i>Qual a Cidade escolhida?</i>	<i>Houve resistência da família para que migrasse?</i>	<i>Conhecia alguém na cidade de destino?</i>	<i>Havia emprego garantido quando foi embora?</i>
Pedro	21	21	2 ^a	Brasília, DF	Não	Sim	Não
Fabiana	18	19	3 ^a	Valparaíso de Goiás-GO	Sim, muita!	Sim	Sim
Ricardo	17	19	2 ^a	Brasília, DF	Não	Sim	Sim
Mariana	18	19	3 ^a	Brasília, DF	Não	Sim	Não
Heloísa	20	20	3 ^a	Luziânia, GO.	Um pouco	Sim	Não
Andreia	19	21	3 ^a	Brasília, DF	Um pouco	Sim	Não

Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Pelo quadro, verificamos que a idade atual de cada entrevistado, variou entre 19 e 21 anos, porém, quando empreenderam a migração, as idades caem para 17 a 21 anos. Sabemos que a partida pode significar uma nova etapa na vida do sujeito que emigra e, neste caso, jovens, às vezes, ainda menores de idade e sem ter concluído a educação básica, passam a buscar modos de sobrevivência em cidades distantes do seu lugar de origem. Ricardo é um deles: ainda com 17 anos e cursando a 2^a série do Ensino Médio, saiu de Codó em direção a Brasília, segundo ele, porque “a cidade não proporciona emprego formal para jovens”. Para ele, a principal dificuldade que o jovem codoense tem, é obter vaga “em uma faculdade boa e conseguir ingressar no mercado de trabalho”. Morando em uma casa com seis familiares, em 2018, decidiu migrar “em busca de trabalho e uma área de estudo mais avançada, já que a minha cidade não me proporcionava esse tipo de crescimento”. A cidade selecionada foi Brasília. Ao escolher o destino, não houve resistência da família, pois segundo ele, os seus familiares “sabiam que seria o melhor a fazer”. Possuindo primos já residindo na cidade, teve menos dificuldade para se fixar. Com um emprego confirmado ao chegar no seu destino, foi tendo certeza de que a cidade lhe “proporcionaria uma boa faculdade e um bom emprego formal”. Atualmente trabalha em um restaurante, recebendo entre R\$ 1.300,00 a R\$ 1.500,00 por mês, dinheiro que usa para ajudar a família que ficou em Codó, enviando entre R\$ 500,00 e R\$ 700,00 mensalmente. Apesar de gostar da ocupação que possui, Ricardo continuou estudando, e concluiu a educação básica; atualmente faz o curso superior em enfermagem. Dividindo moradia com um primo, já teve a oportunidade de retornar duas vezes a Codó para visitar os

parentes, mas, não pretende voltar a morar na sua cidade de origem. Assim como foi recebido por alguém que já estava estabelecido em Brasília e auxiliou ele na migração, Ricardo afirma já ter ajudado quatro pessoas de Codó a irem para a capital federal.

Da mesma forma que ele, todos os demais entrevistados já conheciam alguém que agiu como intermediador para a concretização da migração, e agora, após estarem lá ajudam outros conterrâneos a também emigrarem. Mariana é uma delas: “incentivo alguns amigos, mas sempre alertando-os que cidade grande não é fácil, mas nada impossível”. Heloísa, que migrou para Luziânia, Goiás, e recebeu suporte dos tios que já moravam na cidade, já faz planos de levar um familiar: “quando minha irmã terminar o ensino médio em Codó, pretendo trazer ela”. Segundo Campos (2018, p. 196),

Dentre as diversas modalidades em que uma rede de apoio é utilizada como suporte ao migrante, destacam-se a coresidência ou estruturação de arranjos domiciliares que visam, entre outros objetivos, o compartilhamento de recursos de diversas naturezas entre migrante e não migrantes. As famílias podem ser consideradas, em muitos casos, as “unidades decisórias” por excelência da migração, dado que é, em seu âmbito, que muitas vezes se decide quem, quando e para onde será realizada a migração. Acima de tudo, inclusive, muitas vezes, é a família toda – em termos de indivíduos que vivem juntos no mesmo domicílio – que migra conjuntamente.

Os arranjos familiares são fundamentais nesse processo: os que já estão fixados em alguma cidade visada para conseguir emprego, auxiliam os que estão no Nordeste para que emigrem, seja alojando os recém-chegados onde já residem, e/ou conseguindo uma vaga de trabalho para o conterrâneo/familiar. Muitas vezes, a ida de um parente para uma outra cidade, pode significar o início de uma sucessão de migrações, pois à medida em que estes vão se estabelecendo, possibilitam que outros também possam ir. Entre os nossos entrevistados, os principais vínculos familiares foram: irmãos, tios e primos, que os receberam na cidade e, em alguns casos, com quem dividem residência atualmente. Como afirmam Golgher, Rosa e Araújo Junior (2005), uma migração anterior de um local específico para outro, pode ser decisiva para definir as migrações entre esses mesmos locais, principalmente para pessoas com renda mais baixa, pois as redes sociais podem agir, contribuindo para reduzir os custos da migração. Oswaldo Truzzi (2008) atribui a essa dinâmica de migração, um papel estratégico nas redes migratórias que se estabelecem nas sociedades receptoras. Segundo ele, os vínculos sociais existentes nos locais de chegada, são de grande valor para aquele que migra.

A trajetória de Ricardo, assim como os demais jovens, encerra na cidade de Codó, logo após a conclusão do Ensino Médio, ou até mesmo antes do término, como ocorreu com dois dos nossos

entrevistados. Sem perspectiva de inserção no ensino superior, embora a cidade citada possua instituições de ensino privadas e públicas como, a Universidade Estadual do Maranhão, a Universidade Federal do Maranhão e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, todos oferecendo curso superior, as profissões e/ou condições oferecidas para ingresso, parecem não atrair esses jovens, que mais do que continuar estudando, pretendem fixarem-se em uma vaga de trabalho, algo que a cidade não consegue oferecer a todos.

Heloísa, por exemplo, após concluir o Ensino Médio, migrou aos 20 anos de idade. Embora, tenha o sonho de fazer curso superior em Medicina Veterinária, saiu “a procura de uma oportunidade de emprego”, acompanhando a trajetória de muitos outros jovens, que na sua fala, tomam decisões distintas, porém enfrentam obstáculos:

Alguns jovens codoenses quando terminam o ensino médio, logo pensam em trabalhar. Outros já querem ir mais além, que é fazer o ensino superior. Mas Codó é uma cidade que não tem muitas oportunidades, e se têm, é só pra quem tem dinheiro, alguém que possa pagar um curso; os cursos oferecidos são caros. Mas também tem jovens que não se dedicam (*aos estudos*) e acabam perdendo muito com isso. Quando pensamos em ir embora da nossa cidade, não é porque realmente queremos ir, mas porque vemos que na nossa cidade não tem o que queremos, que é um bom trabalho que podemos ganhar bem e ajudar a família (HELOÍSA, 2020, *grifo nosso*).

A dificuldade de ingressar no ensino superior e a necessidade de possuir renda própria, também é apontada por Fabiana:

Muitos não conseguem de imediato iniciar uma faculdade, têm muita dificuldade em ingressar em um ensino superior, às vezes pela condição que não tem para pagar uma faculdade, e às vezes quando terminam, logo vão trabalhar. Isso ainda existe porque a maioria não tem apoio familiar, e também muitas dessas pessoas não tem incentiva pra encarar uma vida acadêmica (FABIANA, 2020).

As falas das duas entrevistadas revelam um conjunto de sonhos e a falta de perspectiva para continuar residindo na cidade de origem, após concluída a educação básica. Tônica recorrente no relato dos seis entrevistados, a dificuldade de seguir estudando em algum curso que deseja, assim como conseguir um emprego para auxiliar na renda familiar, compromete a permanência junto a sua família na cidade de Codó. Percebemos que, embora a cidade de Codó possua polos universitários que oferecem curso superior de forma gratuita, as duas entrevistadas referem-se sempre a “pagar faculdade”. Mesmo que na cidade de origem não tenha os cursos desejados pelos jovens nas instituições públicas, como mostramos anteriormente, duas capitais estaduais, São Luís, e em especial, Teresina, que fica mais próxima de Codó, oferecem dezenas de opções de cursos superiores, fato que parece não atrair a atenção de muitos jovens codoenses que, nos seus sonhos, visam fazer um curso superior em uma instituição privada, e não conseguindo

acesso a essa condição, devido as dificuldades financeiras, optam por migrar em busca de trabalho, para em alguns casos, poderem também custear as suas faculdades no futuro.

O desejo de ficar é explícito na fala de Heloísa; a decisão de migrar é impulsionada pela necessidade. Quando resolveu que iria embora, teve que enfrentar a resistência da família, que depois resolveu apoiar na sua decisão. Embora, tenha migrado para Luziânia, Goiás, afirma que está na cidade não por escolha, mas porque “se fosse qualquer outra cidade que tivesse uma oportunidade de emprego melhor, eu iria”. Vemos que a preferência ocorreu em partes pela possibilidade de conseguir trabalho nessa cidade, se aproximando do que afirma Da Matta, *et al.*, (2007, p. 290), ao concluir que “os migrantes ponderam nas suas decisões de migração de acordo com as características da cidade de destino e não com as do Estado destino”. No caso de Heloísa, a escolha da cidade não foi sinônimo de sucesso. Ao chegar em Luziânia, trabalhou apenas alguns dias e ficou desempregada, mas, embora estando sem ocupação remunerada, afirma: “não penso em voltar para Codó, ainda tenho um sonho de encontrar um emprego bom na cidade onde estou”.

Um dado relevante mostrado no quadro 01, é que, dos seis jovens envolvidos na pesquisa, apenas dois tinham emprego garantido quando viajaram para o Centro-Oeste. Brasília, cidade escolhida por quatro deles, nem sempre oferece emprego certo para quem opta por sair de Codó para trabalhar, assim como as demais cidades.

De acordo com Golgher, Rosa e Araújo Junior (2005), no processo migratório, existem os fatores de repulsão e de atração: o primeiro, determinante para os casos de migrantes com baixo poder aquisitivo; assim, muitos migram mais por serem “expulsos” do seu lugar de origem, e não necessariamente por seu destino lhe despertar interesse pessoal, mas econômicos. Para os autores, os fatores que determinam a mudança para aqueles que estão na base da pirâmide social, levando em conta critérios econômicos, são influenciados pela pressão para sair, enquanto pessoas com poder aquisitivo mais alto, são influenciadas por fatores atrativos. Dessa forma, os indivíduos empreenderão percursos migratórios, preferencialmente de regiões com menor renda per capita, para lugares com salários mais altos e melhores oportunidades de vaga de emprego.

A migração é pautada por uma esperança e uma incerteza. Uma esperança motivada pelo sonho de conseguir uma vaga de emprego, e uma incerteza de talvez não conseguir se inserir imediatamente no mercado de trabalho, ou até mesmo depois de um tempo, ter que voltar para

Codó, como ocorreu com Andreia. Após migrar para Brasília aos 19 anos, e passando pouco mais de um ano na cidade, perdeu o emprego que havia conquistado e teve que retornar para o Maranhão. Mesmo que ainda pense em emigrar novamente para a capital federal, caso surja uma nova oportunidade de emprego, conseguiu um posto de trabalho na cidade maranhense; atualmente trabalha como cuidadora de idosos em Codó, recebendo a remuneração de R\$ 600,00 reais mensais. Segundo Ojima e Fusco (2015, p. 19), situação como essa “pode indicar a dificuldade de inserção dos migrantes nos centros mais dinâmicos, tanto pela menor oferta de emprego como pela maior seletividade, provocando migrações com duração mais curta, que não são satisfatoriamente captadas pelos censos”.

Diferentemente de Andreia, Mariana, que migrou para Brasília aos 19 anos, teve dificuldades para conseguir emprego no início de sua estadia na cidade: “passei 11 meses desempregada. Pensei em voltar, mas consegui focar nos objetivos nos quais fizeram com que eu saísse da minha cidade natal”, que eram trabalhar, estudar, ajudar no sustento da família e ter uma casa própria. A persistência rendeu um retorno favorável: atualmente Mariana trabalha como atendente de uma farmácia, recebendo um salário-mínimo, além de vale transporte e auxílio alimentação. Diz gostar da profissão que exerce, pois é algo próximo da área de enfermagem, que pretende atuar no futuro, após fazer um curso superior.

Assim, como nos outros depoimentos, além da falta de emprego, as dificuldades financeiras que impediram o financiamento de um curso superior, foram citados pela entrevistada como parte dos elementos desencadeadores da decisão de migrar. Mariana também se referiu à pressão familiar como motivadora das migrações de sujeitos codoenses. Muitos jovens, após concluída a educação básica, sabendo que não terão acesso ao ensino superior naquele momento, passam a ter um tempo vazio, que antes era ocupado pela rotina escolar. Aquele estudante, agora desocupado, pode ver-se pressionado pelo ambiente familiar e social, a ter uma ocupação, como mostra Sarriera *et al.* (2000, p. 45):

A saída da escola supõe para o jovem um período de transição. Sai de uma instituição organizada e organizadora para um espaço social no qual o tempo e a atividade não estão tão estruturados. O papel, antes do aluno, torna-se um papel confuso e pouco definido. Esse novo espaço de transição é chamado de terra de ninguém, isto é, nenhuma instituição social se responsabiliza pelo jovem nessa fase. Nesse momento, o jovem passa a ser pressionado pela família para mostrar a sua capacidade de conseguir um trabalho que complemente a renda familiar.

Podemos entender que alguns jovens por não terem outra opção, pressionados moralmente pela família e pela sociedade, decidem ingressar em uma jornada migratória. Para além de ser algo

subjetivo, a decisão de migrar pode partir de uma ordem externa, que indiretamente força o jovem a sair de sua cidade natal. Mais uma vez, nos remetemos à fala da jovem Heloísa, que utilizamos para intitular este artigo. Por meio do conjunto de palavras expressas pela entrevistada, certamente muitos sentimentos e ressentimentos são externados. A ideia de ir embora pode aparecer como algo não desejado, porém necessário, pois, o jovem sente e sabe a “obrigação” de trabalhar, que recai sobre si. A partir daí, o sonho passa a ser uma vaga de emprego. Assumem as profissões que “escolhem” eles (que nem sempre é a que desejam), principalmente aquelas ligadas ao comércio e ao atendimento ao público. Os salários giram em torno de pouco mais de mil reais mensais, o que alguns afirmam ser suficiente para viver na cidade de destino, além de também ajudar os familiares que residem no Maranhão; como no exemplo de Fabiana, que morando em Valparaíso de Goiás, do seu salário como atendente de restaurante, envia cerca de R\$ 200,00 por mês para seus familiares. A rota escolhida por Fabiana, da mesma forma que a de Heloísa, – únicas que não se dirigiram a Brasília – revela, segundo análise publicada pelo IBGE, no ano de 2011, acerca dos movimentos populacionais no Brasil, novos processos migratórios que “se materializam, entre outros aspectos na dimensão interna, pelo redirecionamento dos fluxos migratórios para as cidades médias, em detrimento dos grandes centros urbanos (...)” (IBGE, 2011, p. 08).

O fluxo de pessoas de cidades pequenas e médias para locais também com características demográficas semelhantes, torna-se uma realidade também através dos jovens codoenses. As mudanças em relação aos deslocamentos humanos mais conhecidos na historiografia, que passaram a ser registradas nas últimas décadas, são evidentes: escolhe-se o Centro-Oeste como local de destino e, não o Sudeste; dentro da região de destino, não só grandes cidades como Brasília são visadas, mas também municípios menores, que por seu potencial econômico, podem oferecer postos de trabalho, revelando uma migração que se dá entre centros urbanos do Nordeste e Centro-Oeste, não só para grandes cidades, mas também para regiões localizadas no interior dos Estados com volume populacional menos abastado, mas que possam estar dentro de uma zona econômica desenvolvida.

Considerações finais

Emprego e trabalho. Palavras recorrentes nas falas dos seis jovens entrevistados. São duas palavras que expressam dimensões sociais, vivências e sentimentos. Realidades compartilhadas

por muitos jovens de várias regiões do Brasil. A chegada à maioridade é o momento em que o jovem é pressionado, talvez até naturalmente pelos “olhos” ao seu redor, a assumir responsabilidades para si, a responsabilidade sobre si, e às vezes, também sobre os seus familiares que necessitam de ajuda. Nos referimos nesse caso, às responsabilidades financeiras. O fim da educação básica representa a chegada a um muro alto na vida escolar. Pular esse muro significaria seguir estudando, fazendo um curso técnico ou superior. Não pular esse muro, é sinônimo de seguir para as suas laterais em busca de ocupação.

A maioridade, período que coincide com o fim do curso da educação básica, quase naturalmente representa um rito de passagem para esses jovens. Um rito de passagem que pode ocorrer naturalmente, ou de forma abrupta. As decisões devem ser tomadas rapidamente, devendo-se agir para ter uma ocupação. Na sua grande maioria, integrantes de grupos familiares com baixo poder aquisitivo e estudantes de escola pública, mesmo que visem, não alcançam o ensino superior, seja por não lograr aprovação nas universidades públicas, por não conseguirem custear as mensalidades em uma faculdade, ou por sua família não ter como manter aquele jovem por mais alguns anos apenas estudando. Vemos nisso, a dificuldade que muitos jovens de famílias de baixa renda têm de acessar o ensino superior. Mesmo que haja oferta de vagas nas universidades, esses sujeitos não conseguem vivenciar essa etapa de ensino, talvez tanto por possuírem um conhecimento acumulado insuficiente para lograr êxito nas seleções e, por isso, muitos sequer cogitam a aprovação, ou por saberem que dificilmente conseguirão se manter em um curso superior sem trabalhar, mesmo que seja na sua própria cidade, e mais dificilmente em cidades do entorno.

A estrutura familiar, direta ou indiretamente tem relação com as migrações. Em algumas situações, mesmo que não seja o desejo dos progenitores, sabem que é o necessário a ser feito, tanto eles como os jovens, que não são absorvidos pelo mercado de trabalho local. Talvez, o fato de já existir alguém “conhecido” na cidade de destino, provoque algum alívio para os que ficam, mas quando a viagem é incerta, a insegurança paira. Ao chegar no destino, é necessário conseguir emprego o quanto antes. Manter-se economicamente em cidades distantes do local de origem sem ter um emprego, é mais um desafio. O período de espera pode ser longo, e as oportunidades de trabalho, espaciais. Mariana teve que esperar 11 meses em Brasília até conseguir o primeiro emprego; Heloísa, em Luziânia, conseguiu uma ocupação por poucos dias e já ficou desempregada novamente; Andreia teve que retornar a Codó após alguns meses desempregada na capital federal. São jovens, mulheres e homens que, ao assumirem o papel

como protagonistas do próprio destino, enfrentam uma série de dificuldades e de sentimentos que devem administrar até conseguirem alguma estabilidade financeira.

Realidade compartilhada por muitos brasileiros, não só jovens, a migração em busca de trabalho, ainda é muito presente no Nordeste. Codó, cidade do interior do Maranhão, está incluída nessas estatísticas. Nessa dinâmica emigratória, jovens assumem o papel de protagonistas, não saindo do campo em direção à cidade, mas de uma cidade em direção a cidades distantes. As mulheres também aparecem como destaque nessas migrações. Jovens, que para além das opções de continuar estudando ou construir seu próprio núcleo familiar (realidade também muito presente), optam por buscar a sua independência financeira. Embora, reconheçamos que esse fluxo de jovens maranhenses para o Centro-Oeste possa não ser algo recente, como no exemplo dos sujeitos entrevistados, que emigraram a partir de 2018, essa dinâmica migratória pode oferecer subsídios para o entendimento de questões não só econômicas, mas também políticas, educacionais e sociais do Estado do Maranhão, e necessita de uma atenção especial nos debates contemporâneos.

Referências

CAMARANO, A. A. e ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos. **Texto para Discussão**. n. 621, IPEA, 1999.

CAMPOS, Marden. Ciclo de vida, estrutura domiciliar e migração no início do século XXI: o caso da Região Metropolitana de São Paulo. **Cad. Metrôpoles**, São Paulo, v. 20, n. 41, pp. 191-208, jan./abr. 2018.

CODEPLAN. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios do Distrito Federal – PDADDF – 2015**. Brasília: CODEPLAN, 2016. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/PDAD-Distrito-Federal-1.pdf>

CRUVINEL, Evelyn de Castro. **Migração em Goiás entre 2005 e 2015**. Goiânia: IMB, 2017.

CUNHA, José Marcos Pinto da. **A migração no Centro-Oeste Brasileiro no período 1970-96: o esgotamento de um processo de ocupação**. Campinas: UNICAMP, 2002.

Da MATA, Daniel, *et al.* Migração, Qualificação e Desempenho das Cidades Brasileiras. In: CARVALHO, Alexandre Xavier Ywata, *et al.* **Dinâmica dos municípios**. Brasília: Ipea, 2007.

GOLGHER, André Braz; ROSA, Carlos Henrique e ARAÚJO JUNIOR, Ari Francisco de. **The determinants of migration in Brazil**. Textos para Discussão Cedeplar-UFMG, Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

IBGE. **Cidades. Brasil. Maranhão. Codó**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/codo/panorama>. Acesso: 19 de abril de 2020.

IBGE. **Reflexões Sobre os Deslocamentos Populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Estudos e Análises Informação Demográfica e Socioeconômica, 2011.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/> Acesso: 19 de abril de 2020.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2007**, vol. 28. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/59/pnad_2007_v28_br.pdf. Acesso: 23 de março de 2020.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2008**, vol. 29. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/59/pnad_2008_v29_br.pdf. Acesso: 23 de março de 2020.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2009**, vol. 30. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/59/pnad_2009_v30_br.pdf. Acesso: 25 de março de 2020.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2013**, vol. 33. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/59/pnad_2013_v33_br.pdf. Acesso: 26 de março de 2020.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>. Acesso: 26 de março de 2020.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2019 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. -Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>

Acesso: 19 de abril de 2020.

MARTINE, George, CARVALHO, José Alberto M, de. **Cenários demográficos para o século XXI e algumas implicações sociais Planejamento e Políticas Públicas**. Brasília: IPEA, 1989.

OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson. Migrações e nordestinos pelo Brasil: uma breve contextualização. *In*: OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson. **Migrações Nordestinas no Século 21 - Um Panorama Recente**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015.

PATARRA, N. Projeções Demográficas: velhos desafios e novas fronteiras. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, 10(2): 1996, p.12-17.

SANTIN, Valter Foletto. Migração e discriminação de trabalhador. **Revista de Informação Legislativa**. Brasília a. 44 n. 175 jul./set. 2007.

SARRIERA, Jorge Castellá. *et al.* Os (Des) Caminhos dos Jovens na sua Passagem da Escola ao Trabalho. *In*: SARRIERA, Jorge Castellá (Org.). **Psicologia comunitária: estudos atuais**. Porto Alegre: Sulina, 2000.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 01, 2008.

Recebido em 25- 11- 2020

Aprovado em 07- 04 - 2021

Publicado em 21-07- 2021